

LACOSTE, Yves. *Un ensemble spatial parmi d'autres*. In: **Espaces Temps**, 10-11. *Région: enquête sur un concept audessus de tout soupçon*. pp. 30-33, 1979.

Tradução de Marquessuel Dantas de Souza

Um conjunto espacial entre outros

O presente texto mostra um diálogo intenso entre perguntas e respostas em que Yves Lacoste discute os conceitos e objetos de geografia, de espaço e de região.

Qual é, para você, o objeto da geografia?

Esta é uma ampla questão: a definição mais simples que podemos dar da geografia é esta: representar o espaço. Representações como esta podem ter funções ideológicas, serem animadas por preocupações metafísicas, cosmogônicas ou operacionais. Se seguirmos este procedimento, existem diferentes objetos possíveis; estou, talvez, um pouco incomodado pelo termo objeto, estaria mais satisfeito em responder a uma questão relativa sobre as funções da geografia. Se formularmos a questão a propósito do que interessa a esta ciência: qual é o seu objeto? Isso não me entusiasma, pois permitirá crer que existe toda uma eternidade de casos reservados que atenderá no futuro as ciências. Prefiro falar das funções da geografia: para mim *a geografia deveria saber-pensar-o-espaço em função de toda uma série de tarefas que revelam as práticas sociais*. Evidentemente se existem preocupações metafísicas, não há necessidade de saber pensar o espaço, podemos sonhar imaginar.

A geografia tem funções ideológicas que existem há muito tempo, que dificilmente podem ser esvaziadas, e funções operatórias-estratégicas que implicam nos métodos; o verdadeiro e o falso em absoluto, e isto não me interessa; o que me interessa é o êxito e o fracasso. Há um problema primordial na reflexão dos geógrafos no qual eles ainda não abordaram totalmente, a diferença entre a realidade (o objeto real) e o objeto do conhecimento. Nunca se atinge a realidade, se aproxima dela porque ocorrem descobertas sem cessar; tendo em conta as práticas sociais são abertas novas seções da realidade. Toma-se em consideração os

elementos da realidade apenas num certo momento e em função de uma prática social. Existem problemas onde os elementos físicos ou naturais tomam um lugar gigantesco, existem outros onde convém chamá-los de problemas sociais, econômicos, políticos e que ocupam o lugar mais importante; esses dependem das práticas, como também das escalas. Tenho cada vez mais a impressão de que os geógrafos devam ter uma formação global, tendo em conta problemas que os mesmos tenham que resolver; eles devem ser capazes de se ocuparem de problemas físicos e de problemas humanos em áreas onde nem sempre são os especialistas. Mas eles percebem este enredamento de fatores, enredamento muito diferente segundo as realizações que enfrentamos.

Penso que no momento atual os geógrafos estão sozinhos . como os ambientalistas . levando em conta essa articulação dos fatores físicos e humanos (o discurso das ciências sociais aqui não se aplica). Parece-me que isto é socialmente muito útil e esta é a maneira que me interessa. A geografia também é uma paixão!

Porque e como fragmentar (dividir) o espaço?

Parece-me que podemos examinar a fragmentação do espaço sob dois aspectos; em primeiro lugar considerando a função ideológica: neste momento podemos fragmentar o espaço de todas as formas (fantasmáticas) possíveis. Este não será considerado sem consequências sociais importantes: por exemplo, quando consideramos - em certa época - Jerusalém e Benares como centro do mundo, é uma maneira de organizar o espaço, e isto tem consequências nas sociedades para os quais a instância religiosa possui uma importância considerável.

Outra maneira de fragmentar o espaço é em função das práticas sociais; a primeira forma de dividir o espaço revela a prática militar e administrativa, portanto, do Estado. Historicamente, seria falso dizer que a propriedade privada é a origem da fragmentação do espaço; entendemos agora que a apropriação privada da terra surgiu bem antes do Estado. A apropriação da terra é, de fato, uma subdivisão do espaço como um subproduto de certa concepção do Estado.

A divisão do espaço por razões operacionais pode reverter todas as formas possíveis em função das necessidades da prática como um momento justo mais

importante; podemos dividi-lo em função das práticas, de certa concepção da estratégia num momento dado, em função dos fluxos de trocas, em função de polarização sobre tal ou tal ponto (...).

Isto que é fundamental no raciocínio geográfico, precisamente considerando todas as formas possíveis de dividir o espaço. Devemos sublinhar que as divisões do espaço são diferentes conforme os tamanhos dos espaços que tomamos em consideração; sobre os vastos espaços tal forma de fragmentação será privilegiada, sobre os espaços pequenos onde as práticas são outras diferentes divisões se impõem. Certos geógrafos atualmente utilizam a imagem das bonecas russas que se encaixam umas nas outras: há o centro e a periferia planetária, o centro do Estado e sua periferia, etc... Essa imagem é cômoda, porém, perigosa, arriscada. Por isso é importante ver que todas as formas de dividir o espaço, sejam elas certas práticas sociais hereditárias, sejam a necessidade de uma organização do espaço em função de tal ou tal prática, remetem a um emaranhar-se e entrelaçar-se. O interesse de um raciocínio geográfico é justamente considerar esses entrelaçamentos dos conjuntos espaciais em função de diferentes escalas e de diversas práticas sociais (...).

Devemos escolher a divisão mais interessante, não por relação a uma prática na teoria, mas por relação aos interesses daqueles que comandam a execução desta prática. Devemos também mudar a problemática alterando a escala (...).

É muito importante, por exemplo, estudar a evolução da divisão administrativa dos territórios coloniais na África Ocidental. Encontramos a origem da divisão nas grandes malhas com uma capital onde se acha o poder; essas divisões são em grande medida função dos deslocamentos do raio de ação dos utensílios utilizados na prática social. Pouco antes da Independência dessas colônias, observou-se o cercamento por parte das forças que exercem o poder, houve a necessidade de intervir mais rapidamente. Se olharmos os relatórios da administração e dos oficiais, constatamos que após a Segunda Guerra Mundial eles são, cada vez mais, problemas de manutenção, de conservação da ordem, de vigilância. Agora, as contradições sociais e políticas em particular, e o desenvolvimento da luta de classes em geral, tornam-se tais que a intervenção deve se dar rapidamente, e

mesmo com rádios e helicópteros é preciso uma rede com malhas mais estreitas. Isto leva à noção de controle; controle militar nas operações da manutenção da ordem, enquanto que os utensílios de circulação do poder estão mais aperfeiçoados. É evidente que esta divisão em função da conservação da ordem não é a mais útil para os banqueiros; eles terão outras maneiras em detrimento de suas práticas.

A grande ilusão dos geógrafos é a existência de uma boa divisão onde tudo coincide. Jacqueline Beaujeu-Garnier em um livro onde aborda as diferentes divisões espaciais . isto que chamo os diferentes conjuntos espaciais . diz: a região é o espaço onde todos os conjuntos coincidem; esta é a divisão geográfica por excelência. Mas sub-repticiamente isto significa que não devemos levá-la em conta e que seus limites não coincidem; no fundo, isso é a divisão (fragmentação) de Deus. Eis a razão pelo qual a idéia vidaliana de região tem um tal poder.

Quais são, para você, o sentido e o valor da palavra região?

Etimologicamente, a palavra região tem um sentido militar que vem do verbo regere, ou seja, redigir, reinar. O mesmo que província, este remete aos territórios conquistados que são administrados, no entanto, diferentemente porque os problemas de manutenção da ordem se formulam. A palavra região possui muitos sentidos: essa pode ser a divisão soberba onde tudo coincide; a divisão de Deus. A região é, também, a palavra que os geógrafos utilizam para designar qualquer conjunto espacial: as regiões polares, montanhosas, as regiões protestantes, ricas, etc... No discurso dos geógrafos, de fato, eles empregam a palavra região cada vez que se toma em consideração o espaço.

No estudo de geografia regional, florescido da escola geográfica francesa, tomamos uma situação (um contexto) como invólucro ou recipiente e interferimos dentro desse recorte de fatores físicos e humanos. É interessante notar que estes diferentes fatores não são estudados do ponto de vista geográfico; com efeito, tendo em consideração cada fator em função da situação mantida, então cada fator exterior do invólucro tem sua configuração espacial particular. A falha maior do discurso da geografia regional é negar as configurações particulares de todos os conjuntos espaciais, considerando apenas os fatores. Esses fatores foram considerados como desespacializados, uma vez que foram tomados em

consideração como recipiente. Portanto, se tomarmos cada fator com sua configuração espacial particular, fora do recipiente, e se considerarmos como um conjunto que se sobrepõe a outros conjuntos, neste momento, realizar-se-á um progresso considerável no conhecimento de cada fator. Evidentemente, levando em conta tal prática social, em tal momento deve ser privilegiado esse conjunto que será o espaço, a região de referência. Mas para a prática é muito importante considerarmos a configuração espacial de cada um dos fatores.

Qual a relação que existe entre a região como espaço vivido e o espaço objetivo de referência?

Não penso que a região seja o espaço vivido. Em seu livro, bastante interessante, Frémont realiza um deslize, um contra-senso em relação a seu próprio discurso. Ele nos apresenta, primeiramente, muito bem o espaço vivido, ou seja, o espaço cujas pessoas têm um conhecimento implícito intuitivo sem aprender conscientemente. Eis o que Bourdieu chamou de conhecimento fenomenológico, isto é, há um saber quanto ao espaço que não se exprime necessariamente, mas que faz parte da ferramenta conceitual das pessoas; cada indivíduo tem seu espaço vivido.

Esse espaço vivido existe em função do lugar que cada indivíduo ocupa na hierarquia social, na divisão do trabalho; ele muda ao longo da vida dos indivíduos. Sabemos muito bem que as categorias sociais melhor formadas culturalmente, tem espaços vividos muito melhor pensados, mais formidáveis, muito mais amplos que as categorias sociais mais desfavorecidas.

Por outro lado, a região é um espaço muito mais amplo que o espaço vivido, é uma organização coletiva que parte do poder do Estado e que implica a consideração de um espaço considerável; isto envolve em primeiro lugar os mapas: a região é representada pelos mapas e as pessoas não sabem ler os mapas (cartas cartográficas).

Os diferentes espaços denominados regiões não fazem parte do espaço vivido das pessoas; são instituições, fenômenos coletivos que independem do espaço vivido dos indivíduos. O espaço vivido é o resultado de práticas individuais que

comporta toda uma série do conjunto espacial; a região é um conjunto espacial que tem uma representação abstrata.

Se quisermos conservar a noção de espaço vivido toda riqueza que Frémont lhe concedeu, deve-se dissociar da região. Há uma aspiração de Frémont que faria as regiões serem conhecidas pelos cidadãos como eles conhecem cada um o seu espaço vivido. Mas isto é dificilmente realizável.

O conceito de região é universal ou apenas aplicável a certos países, a certos níveis de desenvolvimento ou de organização econômica?

Isto se refere a uma concepção de região tal qual Kayser havia definido: uma região está sobre a terra como um espaço preciso, mas não imutável - inscrito - num dado contexto e responde a três características espaciais: os laços existentes entre os habitantes, sua organização em torno de um centro dotado de certa autonomia, e sua integração funcional numa economia global. Isto implica a noção de região polarizada. Esta é uma das regiões, um dos conjuntos espaciais, mas há espaços simultâneos, não polarizados. Se quisermos, a todo preço, que a região seja um espaço econômico polarizado vamos encontrá-lo em certos espaços. Alguns espaços como o Saara serão excluídos, enquanto existem regiões no Saara como o Hoggar - onde há grupos de ergs - que é um espaço onde a base também aparece formando regiões; os pastores conhecem muito bem os limites e os marcam nas práticas dos deslocamentos mais importantes.

Cada vez que empregamos a palavra região, deve-se dar uma definição do conjunto do qual se fala; temos o direito de formar todos os possíveis e imagináveis conjuntos espaciais. Podemos considerar um exemplo que remonta às origens da geografia francesa com Vidal de la Blache: se falarmos da região do *Tableau géographique de la France* (Quadro geográfico da França), esta é a região tal qual Vidal de la Blache a delimita em um determinado momento. Em tal região, a Champagne, por exemplo, parte de seus limites são do contato entre dois afloramentos geológicos, outra parte de um limite histórico selecionado de um leque de diferentes limites que existiram no passado (...).

Houve a evolução do conceito de região e existiu também a evolução da realidade. Houve paralelismo?

Há, é claro, uma evolução da realidade e igualmente das práticas que apreendem determinada realidade. O conceito de região pode-se considerar como um conjunto espacial entre outros conjuntos espaciais. Tenho uma concepção de espaço que poderia assimilar ao espaço laminado, com toda uma série de conjuntos espaciais que se emaranham; eu o chamo espaço laminado, pois deveria distinguir diferentes níveis de escalas. Isto não é uma representação metafísica, é, ao contrário, uma representação elaborada em função dos problemas sobre a prática. Estamos numa situação caracterizada por determinada estrutura do capitalismo monopolista do Estado; podemos considerar que a região mais operacional é aquela que corresponde a essa estrutura. Para as pessoas que gerem a sociedade, essa é a mais operacional; uma vez que não se têm o interesse de considerar as pessoas que lutam contra tal estrutura? Essa estrutura é também onde os trabalhadores de uma fábrica multinacional não têm como estabelecer a ligação entre as diferentes empresas controladas para este fim? *No fundo eles terão uma representação espacial que vai ser o decalque (visão superficial) do espaço da firma ou vão funcionar nas células de bairros com pessoas que não tem nada a ver com seu problema (...)?*

O conceito de região resume a realidade? Senão, o que você sugere?

O conceito de região é o conceito do conjunto espacial; a realidade para um geógrafo é toda uma gama de conjuntos espaciais que podemos chamar regiões. O discurso geográfico que não se refere às práticas é completamente impossível de se estruturar, por isso tudo é medido sobre o mesmo plano. A grande questão que foi teorizada até pelos militares, é o problema das relações da estratégia e da tática. A diferença entre a estratégia e a tática relaciona-se com a escala de tempo e de espaço: a tática é o que revela no curto espaço de tempo o terreno, os dados topográficos são, portanto, muito importantes. Estes conceitos perdem importância no nível do desenvolvimento da estratégia que cobre espaços bastante consideráveis. Se me interessa tanto por problemas militares não é porque tenho sentimentos particularmente militares, mas por que são as práticas militares que

mantém os mais diferentes níveis de análise, as diferentes escalas envolvendo muitos conjuntos espaciais e, sobretudo, uma sanção (aprovação). É claro, devemos ser criteriosos na avaliação para a eficiência do raciocínio. A grande vantagem das práticas militares é que podemos conhecer retrospectivamente e melhor do que outros, graças à literatura militar. Se quisermos treinar o conhecimento para pensar o espaço, encontraremos um estoque de informações. Vemos como as pessoas manipulam as escalas, bem como consideram os conjuntos espaciais e o que aconteceu com eles. Está é uma boa educação. Porém, não quer dizer que saber pensar o espaço se reduz a um problema militar.

Recebido em Agosto de 2016.

Publicado em Fevereiro de 2017.